

# A ARTE DE ENSINAR E A PANDEMIA DE COVID-19: O OLHAR DOS DOCENTES

## THE ART OF TEACHING AND THE COVID-19 PANDEMIC: THE GAZE OF TEACHERS

## EL ARTE DE ENSEÑAR Y LA PANDEMIA DEL COVID-19: LA PERSPECTIVA DEL PROFESOR

Hercules Guimarães Honorato<sup>1</sup>

Instituto Naval de Pós-Graduação - INPG, Rio de Janeiro.

Aracy Cristina Kenupp Bastos Marcelino<sup>2</sup>

Fundação de Apoio à Escola Técnica - Faetec, Teresópolis, RJ.

### Resumo

O objetivo deste estudo é apresentar a pluralidade de olhares dos docentes, que está a emergir das diversas ações empreendidas para minimizar as dificuldades que se apresentam no ensino remoto emergencial (ERE), requerido pelo fechamento das escolas devido à pandemia de Covid-19. Sua relevância encontra-se nas ações e reações dos envolvidos, e constituem-se em possibilidades para gerar políticas públicas que motivem e fomentem a educação de qualidade. A seguinte questão norteou este trabalho: que lições poderiam ser aprendidas pelos envolvidos em sua prática docente após a reabertura das escolas? Foi realizada uma pesquisa exploratória, com a escolha da abordagem metodológica de investigação qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário *on-line*, direcionado aos professores que atuavam em sala de aula e passaram a atuar no ERE. As lições desveladas: melhorar nossa formação ou pós-formação com a introdução de disciplinas ligadas aos meios digitais e tecnológicos; compreender que a educação a distância é uma possibilidade de ser aplicada em nossa prática docente; incluir no Projeto Político Pedagógico alternativas viáveis de ensino, aprendizagem e avaliação; nas reuniões de pais e mestres ou de conselho de classe, procurar colher todas as observações possíveis, tanto positivas quanto negativas. As lições destacadas: precisamos recalcular rotas, minimizar as dúvidas que surgem na prática, de maneira a nos adaptarmos às novas estratégias tecnológicas da arte de ensinar.

**Palavras-chave:** Arte de ensinar; Ensino Remoto Emergencial; Pandemia de Covid-19; Prática Docente.

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão Estratégica e MBA em Logística. Professor convidado da Escola Superior de Guerra e da Escola Naval. Bacharel em Ciências Navais e em Administração de Empresas. E-mail: [hghhha@gmail.com](mailto:hghhha@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0001-7340-1532> - Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8129815602916167>.

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Psicopedagoga. Doutoranda em Educação. Professora da Fundação de Apoio à Escola Técnica – Faetec-Teresópolis, RJ. E-mail: [cristinakneupp@gmail.com](mailto:cristinakneupp@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5933-0002> - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9568053590265351>.

## Abstract

The aim of this study is to present the plurality of views of teachers, which is emerging from the various actions undertaken to minimize the difficulties that arise in emergency remote education (ER), required by the closure of schools due to the covid-19 pandemic. Its relevance lies in the actions and reactions of those involved, and constitute possibilities to generate public policies that motivate and promote quality education. The following question led to this work: what lessons could be learned by those involved in their teaching practice after the reopening of schools? An exploratory research was carried out, with the choice of the methodological approach of qualitative research. Data collection was performed through an online questionnaire, directed to teachers who worked in the classroom and started working in the ERE. The lessons unveiled: improving our training or post-training with the introduction of disciplines related to digital and technological media; understand that distance education is a possibility to be applied in our teaching practice; include in the Pedagogical Policy Project viable alternatives for teaching, learning and evaluation; in parent-teacher or class council meetings, seek to gather all possible observations, both positive and negative. The highlighted lessons include: we need to recalculate routes, minimize the doubts that arise in practice, in order to adapt to the new technological strategies of the art of teaching.

**Keywords:** Art of teaching; Emergency Remote Education; Covid-19 Pandemic; Teaching Practice.

## Resumen

El objetivo de este artículo es presentar la pluralidad de visiones de profesores envueltos en la educación remota de emergencia (ERE), como parte de diversas acciones emprendidas para minimizar las dificultades por el cierre de escuelas durante la pandemia COVID-19. Su relevancia se encuentra en las acciones y reacciones de los involucrados, y constituyen posibilidades para generar políticas públicas que motiven y fomenten una educación de calidad. La siguiente pregunta de investigación guió este trabajo: ¿qué lecciones fueron aprendidas durante la enseñanza remoto y subsecuente reapertura de las escuelas con enfoque en la práctica de enseñanza? Se realizó una investigación exploratoria, con enfoque metodológico en investigación cualitativa. La recogida de datos se realizó a través de un cuestionario online, dirigido a profesores que trabajaban en clase y empezaron a trabajar en el ERE ante la emergencia. Las lecciones desveladas: mejorar nuestra formación o pos formación con la introducción de materias relacionadas con la enseñanza utilizando medios digitales y tecnológicos; comprender que la educación a distancia es una posibilidad de aplicación en nuestra práctica docente; incluir en el Proyecto Político Pedagógico alternativas viables para la enseñanza, el aprendizaje y la evaluación; en las reuniones de padres y maestros o del consejo de la clase: con el objetivo de recopilar tantas observaciones como sea posible, tanto positivas como negativas. Destacan las lecciones: necesitamos recalcular rutas, minimizar las dudas que surgen en la práctica, para poder adaptarnos a las nuevas estrategias tecnológicas del arte de enseñar.

**Palabras claves:** Arte de Enseñar; Enseñanza Remota de Emergencia; Pandemia de COVID-19; Práctica Docente.

## INTRODUÇÃO

Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. (ALVES, 2015, p. 16).



Há pouco tempo, a nossa percepção de mundo estava diretamente implicada em uma base estrutural diversa da atual. Considerávamos que os acontecimentos ao nosso redor poderiam ser por nós controlados, que nossas ações não repercutiriam em dimensões externas ao nosso ambiente, que as possíveis implicações de nossos atos seriam passíveis de serem explicadas de maneira clara e direta, ou seja, não emergiriam dúvidas em relação aos motivos das nossas ações, das nossas escolhas, da nossa maneira de agir frente aos desafios que vivenciamos em nossos cotidianos. No entanto, a partir deste novo milênio, em especial pelo advento das tecnologias de informação e comunicação, com as informações chegando em um piscar de olhos, sem o tempo necessário para a análise de todos os fatos em seus contextos, em sua simplicidade ou complexidade, o sentimento de incerteza e insegurança toma nossas vidas, e passa a caminhar lado a lado com as nossas vivências, impulsionando-nos a emitir conceitos de valores sem o devido julgamento.

Esse atual mundo tecnológico, de milhões de informações que tramitam em microssegundos, deixaram-nos ainda mais frágeis e ansiosos. O conceito do certo pode agora ser o incerto, o incompreensível, tomamos ciência dos acontecimentos de maneira simultânea e não linear. As crises locais e setoriais ganham força, e passam a ter influência mundial. Nesse contexto, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia do novo Coronavírus (Sar-Cov-2), um inimigo invisível que paralisou todo o planeta. Passamos todos a conhecer a quarentena, o isolamento social, as relações entre a vida e a morte mais de perto, em suma: passamos a ter medo, medo de conviver com o nosso semelhante, de compartilhar objetos e ambientes, de respirar e ser contaminado.

Como a circulação de pessoas ficou compulsoriamente dificultada, um relativo “distanciamento social” foi possível, transformando a rotina das sociedades. As instituições de ensino não foram excluídas desse movimento, e pararam por um período indeterminado, fecharam suas portas, pois não havia certeza do que poderia acontecer nos próximos dias, meses e anos.

Diante dessas transformações, o ato de ensinar na atualidade desenvolve-se em uma ação estratégica especializada, fundada, a princípio, no autoconhecimento do professor, que por sua vez busca fazer com que todos os seus estudantes tenham acesso aos conteúdos considerados socialmente necessários, a partir do desenvolvimento de uma relação, que segundo Tardif e Lessard (2008, p. 141), tem como ideia central a de que “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos”.

As desigualdades escolares no Brasil são imensas e têm origem nos mais diversos fatores. Desde os anos de 1960, as pesquisas educacionais vêm demonstrando que as



desigualdades escolares não são produzidas – e reproduzidas – apenas por fatores escolares e extraescolares e não podem ser entendidas de forma apressada (EDITORIAL, 2020). O fechamento das escolas e a retirada do estudante de um ambiente de construção social, de convívio com os demais colegas, da sua relação com o professor, mesmo que momentaneamente, requer uma avaliação da didática e das ações que esse docente está sendo compelido a realizar, mesmo que de maneira compulsória, para que a aprendizagem do seu alunado não seja prejudicada.

Assim, a partir dessa contextualização, o presente artigo tem como objetivo apresentar os diversos olhares que estão e continuam a surgir por intermédio dos docentes regentes de sala de aula, em função das ações que foram e ainda estão sendo empreendidas para que não haja prejuízos considerados na aprendizagem dos estudantes, no período de fechamento das escolas. Este estudo não entra nos aspectos ligados à emergência sanitária que ainda vivemos, nem sobre os campos político e econômico da temática de um mundo pandêmico. O seu fio condutor é, e não poderia deixar de ser, o campo da educação e a sua relação com a didática, com a arte de ensinar, com o fulcro no aprendizado dos estudantes.

A presente pesquisa pretende gerar subsídios que apontem caminhos para uma melhor preparação e formação de nossos docentes. A relevância do tema está na possibilidade de, a partir de uma radiografia do panorama conjuntural atual, estabelecer em que medida as ações e reações dos professores podem gerar políticas públicas que motivem e fomentem uma educação de qualidade em nosso país. Assim contextualizado, a seguinte questão de pesquisa norteou esse trabalho: que lições poderiam ser aprendidas pelos envolvidos em sua prática docente após a reabertura das escolas?

Para um melhor entendimento dos caminhos trilhados, este artigo está dividido em três seções principais, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção apresenta a metodologia empregada. A seção seguinte destaca o referencial teórico abarcado, com especial atenção à prática docente antes e durante o período de fechamento das escolas e o Ensino Remoto Emergencial. Por último, são expostas as análises dos resultados levantados nas respostas dos sujeitos da pesquisa, docentes regentes de sala de aula, e que fazem uma ligação necessária e direta em resposta a questão de pesquisa, com o escopo de se atingir o objetivo colimado.

## **METODOLOGIA**

O processo de investigação foi iniciado com uma pesquisa sobre o tema na internet,



em junho de 2020, no período ainda de perplexidade para com a pandemia e possíveis consequências para o campo da educação. Prosseguimos com uma pesquisa exploratória bibliográfica e documental ainda preliminar, que serviu para a construção do embasamento teórico, e que ensejou a seleção de dados bibliográficos e posterior leitura analítica e fichamento. O tema deste estudo é o professor, sua prática docente em tempo de fechamento das escolas, as visões e ações empreendidas na arte de ensinar. A abordagem metodológica de investigação qualitativa.

A coleta de dados contou com um questionário com três perguntas abertas e uma fechada, construído via *google forms* e a distribuição do *link* (<https://forms.gle/Jx1kgHqgT4nbxSRf6>) aos amigos docentes, sujeitos da pesquisa, professores em atividade de sala de aula. De posse dos resultados dos questionários retornados, efetuou-se uma análise do material gerado, com base nos eixos considerados – educação, ensino-aprendizagem, didática, professores, estudantes, família, pandemia de Covid-19 e ensino remoto.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Quando hierarquizarmos os problemas nacionais – se é que isso é possível –, nenhum se sobressai tão relevante e grave como a educação, que é considerada uma função social eminentemente pública, com a cooperação ativa de todas as instituições sociais. Como bem descrito e claro no art. 205 da nossa Constituição Federal (BRASIL, 1988, não paginado), “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A Medida Provisória nº 934 (BRASIL, 2020), de 1º de abril de 2020, estabeleceu normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior para o enfrentamento da emergência de saúde pública. Para o caso específico da educação básica, o art. 1º, dispensa a obrigatoriedade do número mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, como está descrito no inciso I, do art. 24 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB) (BRASIL, 1996), o qual estabelece oitocentas horas, como carga horária mínima anual para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver.

O caminho escolhido pelas redes de ensino nos estados e municípios foi partir para



o que ficou denominado Ensino Remoto Emergencial (ERE). Ao iniciarmos a busca por estudos relacionados ao tema de ERE, verificamos que esse termo é atual e que foi cunhado para ser utilizado durante o período de emergência sanitária que ainda estamos passando. Paiva (2020, p. 61) afirma que essa nova denominação “[...] viralizou na mesma velocidade da propagação do novo coronavírus”. Desse modo, não deveríamos ter teses e até dissertações antes de 2020 que tratassem desse tema.

Os processos de ensino e aprendizagem, conforme Zaduski, Lima e Schlünzen Junior (2019), são ações educacionais que não estão limitadas ao interior de uma escola, mas que estão distribuídas entre diferentes cenários e atores educacionais. No ecossistema educacional, o planejamento, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação estão presentes em todas as etapas, tendo os estudantes “[...] compreendido a importância do seu protagonismo, proatividade, autogestão do tempo e auto-organização” (ZADUSKI; LIMA; SCHLÜNZEN JUNIOR, 2019, p. 278). Ponto que devemos destacar é que o ambiente de aprendizagem é complexo e diversificado, onde diversos atores, dentro e fora dos muros da escola transitam e atuam.

Um dos primeiros estudos publicados foi o de Charles Hodges e outros, em março de 2020, sob o título *The difference between Emergency Remote Teaching and Online Learning*, onde foi apresentado e explicado o objetivo do Ensino Remoto Emergencial (ERE), assim exposto:

*In contrast to experiences that are planned from the beginning and designed to be online, emergency remote teaching (ERT) is a temporary shift of instructional delivery to an alternate delivery mode due to crisis circumstances. [...] The primary objective in these circumstances is not to re-create a robust educational ecosystem but rather to provide temporary access to instruction and instructional supports in a manner that is quick to set up and is reliably available during an emergency or crisis.*<sup>3</sup> (HODGES et al., 2020, p. 4).

Esse modelo de ensino criado para esse período de disruptiva educacional, traz em seu bojo implicações importantes para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Entende-se que a escola, como a conhecemos, não existe sem professores, sem alunos, sem corpo pedagógico-administrativo e sem a participação da família. O ambiente escolar promove possibilidades de sinergia entre seus integrantes, fato que é de

<sup>3</sup> Em contraste com as experiências que são planejadas desde o início e projetadas para serem on-line, o ensino remoto emergencial (ERE) é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. [...]. O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante uma emergência ou crise. (HODGES et al., 2020, p. 4, tradução livre).



suma importância para a consolidação do processo educativo – ensino, aprendizagem e avaliação.

Diante do imperativo para atuar com o ERE, a educação formal que se personifica nos professores precisou responder positivamente à demanda por uma rápida adaptação e pela transformação de sua prática. Esta, que transcorria em um ambiente propício ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, com a urgência imposta pela situação sanitária, adentrou no ambiente de educação informal, reclamando a efetiva participação da família. Este tem sido um momento em que todos os envolvidos com o processo educativo são convidados a refletir a respeito dos métodos e técnicas utilizados no processo ensino-aprendizagem. O Estado, a família e a sociedade precisam assumir suas responsabilidades, todos são coparticipantes na garantia desse direito que é fundamental e inalienável.

No conjunto dessas transformações, torna-se fundamental compreender o papel desempenhado pela didática, pois esta tem em sua gênese a mediação entre o que é ensinado nas bases teórico-científicas da educação escolar e da prática docente. Segundo Libâneo (1994, p. 29), "[o] processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos". É um processo que se encontra em patamares mais elevados do que a mera transmissão de conhecimentos e de oportunidades para a aquisição de habilidade e desenvolvimento de competências. Assim, temos por responsabilidade sempre nos prepararmos da melhor maneira possível para o exercício da profissão docente, pois acreditamos que por intermédio da prática escolar e da influência que empreendemos sobre os alunos, proporcionamos possibilidades de estes exercerem o direito à educação.

Nesse contexto pandêmico, concluímos que estamos em um momento excepcional e temporário, em que esperamos mais cedo ou mais tarde retornar ao que denominamos como normal, ou como ficou conhecido por todos como um “novo normal”. Rondini, Pedro e Duarte (2020, p. 41) afirmam que “o momento pandêmico é desafiador e enriquecedor para a prática pedagógica”, ou como declara Mason (2008 *apud* PAIVA, 2020, p. 66) “é quando uma escola, ou um sistema escolar, ou uma sociedade enfrenta uma crise que, provavelmente, se abre para a mudança”.

Como professores, precisamos procurar novas formas de ensinar e aprender, sempre pautadas no contexto da atualidade, considerando o ambiente familiar, o envolvimento da família e o distanciamento social. É preciso explorar novas maneiras de aprendizagem e interações que estimulem a curiosidade e a criatividade nos alunos para além do currículo acadêmico formal. O papel docente está em “incitar o aluno a fim de que



ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim” (FREIRE, 2008, p. 118). Conteúdo sem contexto não gera significado, e essa precisa ser uma premissa do trabalho docente.

Honorato (2021) apresenta dois gargalos que foram verificados no ensino remoto emergencial. O primeiro é a situação frágil e de baixa qualidade da distribuição de Internet banda larga no Brasil. O segundo gargalo está na não formação acadêmica do professorado para a atividade do ensino a distância e das novas tecnologias educacionais. O clima socioemocional na sala de aula é importante para o ensino e a aprendizagem e, na atual situação, sua relevância passa para a sala de jantar ou para outro ambiente familiar, em que momentos de diálogos podem ser motivados pelo estado de quarentena. Educadores, professores e familiares descobrem nas aulas *on-line* a falta de políticas públicas para esse setor, enfrentam o desafio de viver isolados socialmente e seguem buscando criar novas alternativas para a rotina familiar.

Tardif e Lessard (2008) compararam o trabalho industrial ao trabalho docente no âmbito das tecnologias, e verificaram a substancial diferença existente entre o domínio da atividade técnica e a educação. Ressaltam os autores que enquanto o trabalho industrial lida com a casualidade, com funcionamentos regulares, classes de objetos e séries, as tecnologias interativas, utilizadas no contexto da escola, lida com seres humanos. Podemos verificar, portanto, que os professores “lidam com relações sociais ou com indivíduos, e com relações que apresentam irregularidades; confrontam-se com indivíduos e particularidades” (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 263). Isso reforça a ideia de que para o professor, cada estudante tem sua importância, em relação ao outro, a si mesmo e ao grupo.

Os processos de ensinar e aprender não são tão simples de serem resolvidos apenas por recursos tecnológicos. Lidar com seres humanos é complexo, os ritmos, tempos e processos de aprendizagem são diferentes. Paulo Freire (2008, p. 23) nos deixa claro que “[n]ão há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”. As dificuldades dos docentes em incorporar os recursos tecnológicos em sua prática, até então presencial, foram destacados por Rondini, Pedro e Duarte (2020) como o obstáculo de se adaptar rapidamente a uma nova metodologia de ensino, a desigualdade social dos estudantes e ao aumento considerado da jornada de trabalho. O que é confirmado e complementado por Rosa (2020, p. 2) que deixa claro que “o uso da tecnologia, por si só, não consolida a transformação da educação no século XXI. Ainda é preciso avançar em





campos fundamentais como a formação de habilidades e competências que possibilite aos alunos tornarem-se protagonistas no seu processo de aprendizagem”.

Com o fechamento compulsório das escolas devido à pandemia de Covid-19, é-nos possível verificar que não havia um plano contingencial para essa situação, como a continuação das aulas através de alguma alternativa não presencial, o que reforça o nosso pensamento de que na educação não se deve improvisar. Foi sugerida por Honorato (2021) a inclusão, no Projeto Político-Pedagógico da escola, da alternativa de um ensino híbrido, que teria o ensino-aprendizagem-avaliação, tanto o presencial como a distância, para quando ocorresse uma necessidade de fechamento compulsório durante o período letivo. O mesmo estudo revelou que o currículo das atuais formações acadêmicas para a docência não contempla a preparação dos professores para o uso das novas tecnologias educacionais, o que deve ser ajustado com certa prioridade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O instrumento de coleta de dados foi, como já informado, um questionário, que no seu preâmbulo foi apresentada a nossa motivação para a realização da pesquisa, além de destacar que quando respondido, significaria o seu consentimento para a divulgação dos dados das respostas. Os sujeitos que participaram da pesquisa foram 52 professores atuantes nos níveis fundamental, médio e superior. O maior número de respondentes foi do ensino fundamental, com um total de 33 professoras(es), um percentual de 64% do total. Destacamos que as contribuições de todos os professores foram de suma importância para o desenvolvimento desse estudo, em especial quando articulamos a teoria docente à prática vivenciada, observamos e confirmamos, então, o ambiente acadêmico de disruptiva social e educacional.

A identidade dos docentes respondentes foi preservada, e as respostas mencionadas foram discriminadas pelo código alfanumérico, escolhidos aleatoriamente conforme as respostas eram analisadas. Dentro de sua ação docente, por exemplo, o professor do ensino fundamental recebeu o código “PF1”, o primeiro do ensino médio o código “PM1”, o do superior o código “PS1”, e assim numerados sequencialmente. As análises foram realizadas de acordo com as perguntas em sua ordem sequencial. A seguir, são apresentadas as perguntas e as respectivas respostas que estão aderentes ao objeto desse estudo.



- **Como você se sentiu como professor e como foi sua resposta aos novos desafios educacionais desta emergência?**

O que se pretendeu com esta questão foi termos a real noção de como ocorreu a resposta aos novos desafios compulsoriamente enfrentados pelos professores, quando obrigados a apresentar soluções para sua prática docente, uma vez que não estão mais em sala de aula e em contato direto com seus alunos.

Uma resposta importante foi a da professora do ensino fundamental (PF1) que afirmou: “[...] me senti desafiada a criar novas estratégias de ensino, e minha resposta foi ‘me reinventar’ diante dos desafios impostos pelo uso de tecnologias para interagir com os alunos”. Uma resposta recorrente foi a de não se sentir preparado para o uso das tecnologias digitais para o ensino remoto, como na fala dessa professora, que também destaca a possibilidade do aumento das desigualdades educacionais: “Incompetente na atuação. Tentar inovar sem estruturação física das famílias atendidas é impossível. No mínimo, incorremos no erro de gerar mais desigualdades, ao não atentarmos para o atendimento da universalidade do ensino, previsto na constituição” (PF18). O que também é afirmado pela PF11: “Sem poder trabalhar, porque a rede em que atuo não tem TI para nós e nossos alunos... inclusive, nada se falou da reposição e apoio pedagógico até agora”.

Quando passamos para o ensino médio, podemos verificar que as situações vivenciadas pelos professores não são diferentes. A professora, que atua em uma escola especial para alunos com deficiência múltipla sensorial, assevera que há “[...] falta de acessibilidade de programas e a situação econômica de nossos alunos, cuja maioria não tem computador ou mesmo celular com pacotes de Internet que permitam receber textos e sustentar chamadas em salas remotas [...]” (PM1). No caso ainda do ensino médio, em que os alunos se situam normalmente entre 14 e 17 anos, podemos verificar situações consideradas positivas no trato do ensino remoto com a prática docente.

No ensino superior, que a princípio deve alinhar o ensino remoto com a prática docente, foram percebidos quase os mesmos sentimentos que nos demais níveis escolares. Na resposta do primeiro professor, podemos verificar as incertezas que o deixam desanimado em sua prática, porém, a sua instituição está procurando soluções na formação continuada para o uso de plataformas tecnológicas digitais: “As respostas têm sido estudar, adiantar produção científica e aguardar para o retorno. A instituição começa a ofertar algumas capacitações sobre educação a distância e plataformas *on-line* de trabalho, que



estou fazendo ou farei em breve, para possível uso em aulas remotas.” (PS1).

Podemos, a princípio, concluir que, independentemente do nível escolar, o preparo docente para um ambiente de ampliação da educação a distância, como uma das formas de metodologia formativa e de qualidade, remete-nos às seguintes respostas: “Despreparada e sem destino” (PS4); “Desafiada a exercer a profissão da melhor maneira possível dentro de uma nova perspectiva e meios de comunicação. O aprendizado dos alunos é o que me dá forças” (PS2); “Os alunos tiveram grandes perdas no geral. Não são todos os cursos que podem ser a distância. No meu caso, sou professor do curso de engenharia.” (PS5); e “Não é a mesma sensação. Em sala de aula, havia mais debates. Pela Internet, isso diminuiu” (PS6).

- **Que experiências de aprendizado e qual tem sido a resposta de seus alunos neste momento?**

Esta questão procurou avaliar que experiências estão sendo ou não aprendidas pelos docentes, em relação à reposta dos seus alunos, ou seja, no processo ensino e aprendizagem.

Na leitura das respostas dos professores do ensino fundamental, podemos apresentar algumas considerações iniciais. Em primeiro lugar, a tendência do agravamento da desigualdade educacional, quando os alunos não têm atividades, ou não têm acesso à Internet em suas comunidades, como destacado por PF3, “[...] ainda temos uma desigualdade muito grande na base educacional. Estão fazendo o possível devido a sua realidade”. Outros docentes também corroboram esse pensamento. “Os meus alunos se sentem prejudicados, apesar da vontade de aprender. Não estão preparados para a educação a distância, não têm bons recursos tecnológicos e não conseguem aprender sem a presença do professor” (PF4). Porém, outros respondentes caminharam no sentido das experiências positivas, como destacado por PF1 de que “[a]lguns alunos têm participado ativamente, dando retorno em vídeos das atividades propostas. Os alunos que cresceram com o uso da tecnologia e com disciplina de estudo não apresentam problemas em acompanhar as aulas”.

Um dos professores respondentes deixou realçar uma das gratas constatações positivas: “Eles estão lidando bem, e muitos surpreenderam positivamente com relação à autonomia e responsabilidade pelo estudo” (PF8). O que é reforçado pelo PF19, que afirma: “Aprendi a lidar com ferramentas digitais as quais sequer conhecia, e os alunos gostam bastante das produções. Nem todos dão conta de todo o material enviado, mas



ficam empolgados e satisfeitos”.

No trato do ensino médio, em alguns casos, não é possível avaliar as experiências de aprendizado, e em outro: “Os alunos da rede estadual estão tendo muitas dificuldades de acesso e de fazer uma rotina de estudo” (PM2). Em relação à autonomia discente, realçado como fato importante para uma educação a distância (EaD), um respondente argumenta que essa faixa etária ainda carece de maturidade: “Porém, verifico também, que muitos alunos não possuem ainda uma maturidade de criar uma rotina de estudos, e isso implica em uma redução da qualidade do ensino” (PM4). O que PM3 discorda com “Boas respostas. Grande parte tem participado”. As escolas são diferentes, como os professores, os estudantes e o *background* familiar, certamente, o que Willms (2008) chamou de “efeito da escola”, no qual a diferença de todo esse conjunto de componentes é transposto no sistema escolar como um todo.

Em relação ao ensino superior, verificamos que em certa medida as aulas foram suspensas no início da pandemia. O respondente PS6, que é professor de engenharia, argumenta que tanto na Educação a Distância (EaD) quanto no ERE, “[...] a exigência é menor e a falta de laboratórios prejudicam muito o ensino prático. As aulas teóricas também são prejudicadas, pois os alunos não têm grandes oportunidades de sanar dúvidas”. Com essa retórica do docente anterior, mas vendo sob um outro aspecto, o PS9 ressaltou que “[c]omo experiência, a elaboração de aulas mais focadas em materiais visuais e outras formas de avaliação também. A resposta foi boa no início. Mas já se percebe um cansaço também por parte dos alunos”. Uma interessante constatação de professores para os seus alunos adultos em relação à EaD: “Vejo que eles ficam mais calados virtualmente” (PS4).

- **Expresse livremente suas percepções, medos, desafios, significados e realizações nesses momentos de ser professor em momentos de confinamento.**

Nesta última questão, iniciaremos como uma nuvem de palavras que foram as mais citadas pelos professores respondentes, por ordem alfabética: ansiedade, apavorada, arte de ensinar, autonomia, cansaço, desafiador, desigualdades sociais, disciplina, ensino *on-line*, esgotamento, exaustivo, incerteza, insegurança, medo, nivelamento, qualidade de ensino, responsabilidade, relação professor-aluno e sobrecarga de trabalho. Assim exposto, os desafios estão em levar um ensino de qualidade aos estudantes, mesmo que haja um excesso de trabalho docente. Independentemente de interação professor-aluno



acontecer através de uma tela, ela não deve ser descuidada.

Na continuação da análise dessa questão, foram separadas quatro respostas que se encaixam perfeitamente no objetivo do nosso estudo, com grifos importantes e com seus autores apresentados: “Percebo que, ainda sim, contamos com o grande número de alunos que não tem acesso à Internet”. (PF10). “Outro fator importante é o contato aluno-professor”. (PS4).

Vivendo o desconhecido e aguardando o desenrolar de todo processo, sabendo que será necessário recalcular rotas, adaptar novas estratégias, se preparando para atender a novas demandas, de maneira que a educação cumpra com seu principal objetivo, ou seja, proporcionar ao educando uma apropriação de valores culturais que cooperem para a sua formação de um cidadão pleno, superando esse período singular para todos. (PF3).

Nesse momento, ser professor exige de mim uma adaptação e uma visão além do que estava acostumada em sala de aula. Me faz rever minhas considerações a respeito do que é uma aprendizagem significativa. Pra quê e por que eu ensino e como eu posso proporcionar situações de aprendizagens. (PF21).

A transferência do presencial para o virtual não é simplesmente manter a didática desenvolvida em sala de aula, mas seria necessário, além da mudança na prática docente, a construção de currículos que reconheçam as novas formas de produção e relação com o conhecimento, abandonando a condição solitária e expositiva do tablado de sala de aula para o lugar de produção de saberes de experiências, como o ambiente virtual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epígrafe introdutória do presente artigo é clara e direta a nós educadores, em especial em um momento tão disruptivo de nossas vidas com a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), quando o sentimento e a vontade de oferecer a melhor formação para o nosso alunado está em xeque. A esperança continuamente renascerá com a nossa vontade de procurar sempre fazer o melhor, porque fazemos parte do ecossistema educacional que existe para levar, em seu conjunto, um processo de mediação criativa de nossa prática docente àqueles que compartilham conosco dessa tarefa humana que é ensinar. O Ensino Remoto Emergencial foi, portanto, a solução encontrada de momento, para que o ensino-aprendizagem-avaliação não parasse totalmente.

Compartilhar conhecimento é algo complexo e demanda uma diversidade de ações, de intervenções, de processos, que por mais sofisticada que seja a tecnologia utilizada, com certeza ela não permite desenvolver todas as estratégias que o professor utiliza dentro



da sala de aula. As tecnologias aproximam a distância física, mas o “olho no olho”, a troca que acontece naturalmente entre professor e aluno, entre aluno e aluno, acreditamos que só exista quando todos estão em um mesmo ambiente físico, sob as mesmas condições físicas e humanas, especialmente na educação básica.

Nos momentos de crise é que surgem as oportunidades, e a pandemia trouxe inúmeros desafios para a prática docente, como a oportunidade de conhecer novas ferramentas tecnológicas, que podem facilitar o trato na relação com seus estudantes, estes nativos digitais, e a consciência de que a interação social poderá também acontecer por meio de novas estratégias pedagógicas. O professor deixou de ser o centro do conhecimento, passou a oportunizar uma melhor relação ensino-aprendizagem-avaliação. As instituições não podem mudar sem a participação voluntária de seus professores, o momento é de uma movimentação sinérgica de ruptura com o tradicional, a partir da cultura digital.

No centro desse furacão chamado Covid-19, no tocante ao ensino e à aprendizagem de nossos estudantes, está o professor. Ele teve sua prática docente, normalmente ao lado do aluno, abruptamente substituída por uma situação virtual, ocasionada pelo distanciamento social. Desafios, insegurança, despreparo, sobrecarga de trabalho, incertezas, ansiedade, aumento da desigualdade educacional e social, entre outras tantas palavras, expressam o sentimento no atual período. Precisamos recalcular rotas, minimizar as dúvidas que surgem na prática, de maneira a nos adaptarmos às novas estratégias tecnológicas da arte de ensinar.

O nosso gargalo não está no ensino superior, mas em grande medida nos ensinos fundamental e médio. São cerca de 48 milhões de estudantes esperando o retorno efetivo às suas escolas, à normalidade das relações de um ir e vir, de estudar presencialmente com seus pares, de procurar dar o seu melhor às suas vidas cotidianas. As lições que poderiam ser aprendidas em nossa prática docente são: melhorar nossa formação ou pós-formação com a introdução de disciplinas ligadas aos meios digitais e tecnológicos; compreender que a educação a distância ou o ensino remoto é uma possibilidade de ser aplicada em nossa prática docente; incluir no Projeto Político-Pedagógico da nossa escola alternativas viáveis de ensino, aprendizagem e avaliação para quando estiverem fechadas; nas reuniões de pais e mestres ou de conselho de classe, procurar colher todas as observações possíveis dos responsáveis, tanto positivas quanto negativas. Procurando sempre corrigir os erros e melhorar nos acertos, de maneira a oferecer educação de qualidade em qualquer que seja o segmento ou modalidade de ensino.



Como professores, haverá sempre a dúvida de não termos feito o nosso melhor, mas, como somos todos seres humanos e estamos sujeitos ao erro e ao acerto, seguimos esperando que no dia seguinte, um número maior de alunos responda satisfatoriamente aos objetivos propostos nas aulas, expressem suas dúvidas e compartilhem sua vontade em aprender. A comunicação em rede e as redes sociais ganham força dia a dia, em um processo que se soma a construção e a socialização do conhecimento. Acreditamos que a educação pós-pandemia terá um reconhecido diferencial no ser humano, que vive numa realidade hiperconectada, complexa e instantânea, onde todos deveremos caminhar juntos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**: (+ Qualidade total na educação). 14. ed. Campinas, SP: Papiros, 2015.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 5 out. 1988. Publicação original.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Publicação original.

BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - Edição Extra - A - 1/4/2020, Página 1 (Publicação Original). 2020.

EDITORIAL do Jornal Pensar a Educação em pauta. *A pandemia e as Desigualdades Escolares*. Faculdade de Educação da UFMG, 24 abr. 2020. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-pandemia-e-as-desigualdades-escolares/>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Coleção Leitura).

HODGES, C. *et al.* The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **EDUCAUSE Review**, 2020. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

HONORATO, H. G. A educação brasileira e a pandemia covid-19: alinhavos entre o ensino remoto e a aprendizagem dos estudantes. *In*: HONORATO, H. G. **Relato de uma experiência Acadêmica**: o “eu” professor-pesquisador. v.3, Curitiba: Brazil Publishing, 2021. p. 39-62.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.



PAIVA, V. L. M. de O. Ensino remoto ou Ensino a Distância: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários**: revista de cultura. V.37, n.1 e 2, p.58-70, dez. 2020.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia da COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. **Revista Educação**. v. 10, n.1, p.41-57, 2020. (Número Temático). ISSN Digital: 2316-3828 ISSN Impresso: 2316-333X DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57.

ROSA, R. T. N. da. Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do coronavírus – o COVID-19. **Rev. Cient. Schola**. v. VI, n. 1, p.1-4, jul. 2020. ISSN 2594-7672.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

WILLMS, J. D. A estimação do efeito escola. *In*: Brooke, N.; Soares, J. F. (Org.). **Pesquisa em eficácia escolar**: origens e trajetórias. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2008. p. 261-272.

ZADUSKI, J. C. D.; LIMA, A. V. I.; SCHLÜNZEN JUNIOR, K. Ecossistemas da aprendizagem na era digital: considerações sobre uma formação para professores na perspectiva da educação inclusiva. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 269-287, jan./mar. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.19.060.DS12>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

**Artigo recebido em:** 15 de dezembro de 2021.

**Aceito para publicação em:** 30 de dezembro de 2021.

**Manuscript received on:** December 15, 2021

**Accepted for publication on:** December 30, 2021

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

